



FONTE DA PRAÇA ANTONIO-MARTIM EM MADRID.

«A praça Antonio-Martim, diz de la Borde no seu *Itinerario em Hespanha*, na rua d'Atocha, muito perto do Prado, é de mediano tamanho, e irregular; é propriamente uma dilatação da rua; está embellesada com um grande chafariz, cujos ornatos são de mau gosto.» Ha outros muitos chafarizes do mesmo estylo em Madrid. As fontes de conchinhas, com golfinhos e outros animaes, trições, deuses e deusas, eram numerosas no seculo XVI, nas praças de muitas capitães da Europa, e principalmente nas coutadas dos castellos.

Pode consultar-se, querendo estudar este objecto, a grande obra de Bocklern (\*) e a de Gia-

como Rossi (\*), que ambas encerram muitos desenhos de fontes. Achar-se-bão ahi composições agradaveis, e outras que não passam de ridiculas. Estas ultimas não podem ser agradaveis, porque não é possível agradar ferindo o gosto: parece-nos, pois, difficil que uma arte degenerada seja agradável. Chama-se ordinariamente a esta arte exagerada, pretenciosa, e falsa. O chafariz de Antonio-Martim não é tão mau: e uma phantasia que se não pode condemnar.

lern, architecto e engenheiro. Nuremberg. 1664. — Ou *Amanitates Hydragogices*. G. A. Boeckleri; Noribergæ.

(\*) *A Architectura curiosa nova*, por Georges André Bock-

(\*) Giacomo Rossi. *le Fontane di Roma*, com desenhos e gravuras de Falda e Venturini.

## O GALEÃO ENXOBREGAS.

*(Scenas navaes do seculo XVII.)*

Continuação.

II

NOVOS PERSONAGENS.

Vencendo com grande custo as indomitas correntes do canal de Moçambique, e bordejando a todo o panno entre a terra firme e a ilha de S. Lourenço, foi o galeão Enxobregas aproximando-se a pouco e pouco do logar que demandava, não sem grande magoa dos seus tripulantes, que não tinham já negocio que fazer na ilha, visto que as mercadorias haviam todas ido ao mar, e não poderiam passar esse anno á India, por ir adiantada a monção; ficando assim expostos ao malefico clima de Moçambique, sem especie alguma de compensação.

Entretanto o calafate tinha conseguido vedar a agua dos altos, e calafetar o arruinado trincaes da nau; bem como desobstruir a casa das bombas, para se tocar redondo, e esgotar continuamente a agua que lhe entrava pelas obras vivas. O carpinteiro concertou, como pôde, a habita que soffrera com o temporal, arranjou novos pés de carneiro para substituir os que renderam, fez novas bonecras para o logar das que se partiram, e cuidou em tudo o mais da sua obrigação com verdadeiro zelo. Tambem o mestre Fernandes se não descuidou da sua parte, e ajudado pelo laborioso *Cheira-dinheiro* (que apesar de toda a sua actividade nunca chegou a tomar-lhe o gosto!) arrotou o gurupez, e passou-lhe uma *contra-trinca*; substituiu a cevadeira quebrada por uma verga da gavea grande, que era pouco menor; botou a riba os mastareos, envergou novas gaveas, e com as betas passadas de longo levou as vergas ao seu logar. Depois amurou-lhe os papaligos, caçou-lhe as gaveas e a mesena, largou-lhe a cevadeira, e deixou ir o barco n'agua.

O piloto e sota-piloto consultavam os astros e as cartas, a côr da agua e os horisontes, e não pareciam desanimados.

O condestavel tratou de pôr em boa ordem as armas de mão, e safar a artilheria para combate ou para salva, como necessario fosse; e o guardião encarregou-se de pintar as alcaixas da nau, com a ajuda de tres moços que tinham manha de borradores.

Os gageiros andavam sempre lá por cima a ver se enxergavam terra; os padres passavam a vida em devotas occupaões; e o capitão, curvado ao peso da responsabilidade que pesava inteira sobre elle, dava-se a perros por ter emprehendido esta viagem da India, podendo estar na fronteira de Portugal a bater-se com os castelhanos.

Já tocava quasi o seu fim o mez de Setembro,

quando do galeão avistaram a *Mesa*, alta montanha das proximidades de Moçambique; porem como era noite resolveram deixar para a seguinte manhã o investimento do porto.

Appareceu-lhes então uma vela.... Se seria de hollandezes, que viessem vingar n'estes portuguezes a perda de Loanda, que Salvador Corrêa lhes arrebatara das mãos, havia um anno!

Em quanto a gente de guerra se aparelhava para combate, os padres tiravam esmolas para confrarias, e acceitavam os votos dos timoratos a todos os santos da côrte do ceo, para que não houvesse perigo.

A embarcação aproximou-se; era ingleza. Já então tremulava o pavilhão de Santo Andre por estes mares!

Passou por gilavento do Enxobregas, e saudou os nossos com suas trombetas; mas não obteve resposta, porque estes não estavam agora para cumprimentos.... e então a inglezes!

A nau lá se foi a rumo do Cabo, e a nossa pairou no canal, á espera da manhã, e enfadada de repetidos aguaceiros.

Ao alvorecer do novo dia entestou com a costa, cerrando á bolina, a rastear com a ilha de Goa; e perpassando rente da magestosa fortaleza de S. Sebastião, foi lançar ancora, em seis braças de fundo, ao nor-noroeste da mesma fortaleza.

No porto não estava uma só embarcação de alto-bordo; apenas alguns pangaios cosidos com a terra; e as ligeiras almadias que sulcavam as aguas, dirigindo-se algumas d'ellas para o galeão.

O Enxobregas tinha má sina: não se salvava de um perigo senão para se espetar em outro! Assim bramavam os matalotes que o guarneciam. A amarra que arrearam para o fundo, estava dada ao cabrestante da xareta, e com a força do esticão no fundear, levou consigo o cabrestante! Não estava outra amarra telingada, e em quanto a alavam a cima, tinha tempo a nau de se fazer em pedaços na Cabeceira, para onde as aguas a empurravam. Valeu o batel e o esquife, que ajudados das almadias, tomaram viradores e ostaxas de bordo, com que rebocaram o galeão para fóra da costa. A final largou outra ancora com mais cuidado, e o navio segurou de vez.

Como dissemos, não estava nenhuma nau no ancoradoiro, mas appareceu, com geral espanto, a bordo do Enxobregas, o capitão-mór do galeão *S. Lourenço*, saído de Lisboa um mez antes d'aquelle, e que, como dissemos, se perdera nos baixos de Moxincalé, com grande extravio de pessoas e cabedal. Este cabo, por nome Diogo Leyte Pereira, commendador de Alegrete na ordem de Christo, vinha acompanhado pelo inquisidor apostolico, Paulo Castellino de Freitas, e outras pessoas de distincção, das que escaparam ao naufragio. Não sabiam porem novas do que devera ser seu companheiro toda a viagem, e que se apartou d'elles na altura de Guiné, o galeão novo *Nossa Senhora do Bom Successo*, de

que era almirante Vasco d'Azevedo. Esta duvida poucos dias durou; porque a 14 de Outubro seguinte chegaram a Moçambique dois homens d'aquelle galeão, que se perdera, como tambem já dissemos, abaixo das ilhas de Angoxa, morrendo trezentas pessoas de seu bordo, escapando só com vida cento e dez; durante a viagem já haviam fallecido de molestia ou accidente, cento e cinco homens, incluindo n'este numero o almirante.

Assim pois, em quanto se corrigiam as avarias do galeão Enxobregas, invernava a gente das tres naus n'esta doentia ilha de Moçambique, succumbindo muita d'ella ás febres da *carneirada*, e outra mesmo á falta de alimentos sadios. Os marinheiros ainda lá resistiam, mas os soldados *reinoes* caíam como tordos.

O fidalgo, que servia de governador na ausencia de Alvaro de Sousa de Tavora, que estava na terra firme, hospedou em sua casa o capitão do Enxobregas, e alguns passageiros de prol, como Ruy da Cunha e sua familia, do mesmo modo que o fizera já a Diogo Leyte, ao inquisidor, e a outros. Este hospede era mancebo ainda, de grandes brios, de gentil presença, e bem fallante. Chamava-se Luiz de Brito.

Com a vista quotidiana do formoso rosto e gracioso ademan de D. Magdalena da Cunha, acêndeu-se no coração do joven governador interino uma invencivel paixão pela donzella; e resolvendo-se a pedil-a ao pae em casamento, obteve a sua mão, pois lhe não era inferior em fidalguia.

Foi um dia de festa para Moçambique o d'esse consorcio, que se celebrou a 10 de Março do anno 1650; e logo passados cinco dias se partiu a nau Enxobregas para Goa, aproveitando a monção pequena, e deixando em Moçambique a filha de Ruy da Cunha, que com mui grandes prantos se despediu de seus paes.

Não pense porém o leitor que perde de vista para sempre a formosissima Magdalena. Apesar de estarmos escrevendo uma veridica historia e não fabulosa novella, não podendo assim preparar surprehendedentes peripecias, succede que a realidade teve n'este caso seus visos de romance, e que os principaes personagens que mencionamos voltam todos a encontrar-se, depois de separados em diferentes pontos.

Largou pois a nau do porto de Moçambique a 15 de Março, pela manhã, com o terreno; e deitando de barra fóra governou ao nordeste-meio-leste, em gaveas e papafigos, encontrando o mar de leite, algumas correntes a leste, vento do quadrante sueste, e ceo quasi sempre nublado.

Levava a seu bordo alguns dos naufragos dos galeões S. Lourenço e Bom Successo; outros d'estes infelizes seguiram logo a 10 de Abril para Goa no patacho do capitão de Diu; e o resto só deixou Moçambique na monção de Setembro. De mil e trezentos homens que n'estes dois navios saíram de Lisboa, só chegaram duzentos á India!

Tendo avistado a Ilha do Comoro, continuaram sua derrota com cautela os do galeão Enxobregas, para se desviarem dos baixos de S. Lazaro e do Patrão; montado este, metteram a orça para leste quanto poderam, para afastar da costa da Deserta, aonde as aguas encostam com forte correnteza; e sempre com bom tempo foram navegando até avistar os *Ilheos queimados*, a melhor conhecida da proximidade de Goa.

Já antes haviam encontrado no mar as cobras, como enguias, de que fallam os roteiros, e que se afastam até cem leguas da costa, ás vezes; os bandos de corvas pretas e nedias, cascas de siba alvas, e aquellas escumas redondas, desovamento de peixe, a que chamam *tostões* e *vin-tens*, e que, segundo o nosso Pimentel, são signaes certos da proximidade da costa.

A 13 de Abril avistaram com effeito o pharol da *Aguada*, a fortaleza da mesma denominação, a egreja de S. Lourenço, edificada poucos annos antes pelo vice-rei conde de Linhares, o convento de capuchos de Nossa Senhora do Cabo, e enfim o rio Mandovi que conduz á cidade. O galeão surgiu proximo do morro de Bardez, a um tiro de mosquete da terra.

Chegados felizmente á desejada India, os reinoes embarcaram-se em *tónas* para a cidade, já com a mira nas *bailadeiras*, de que lhes fallavam a miudo os velhos navegadores do Malabar; em quanto estes observavam com tristeza o abatimento d'aquelle estado, que definhava a olhos vistos de anno para anno, de dia para dia!

O vice-rei, D. Filippe Mascarenhas, acolheu bem a todos; e D. Leonor da Cunha, á parte a saudade da filha, pôde enfim descansar em melhor clima, e com os regalos de senhora que ha muito lhe faltavam.

O galeão foi para a Ribeira das naus a forrar de novo, depois de prrompto de toda a obra de carpintaria e calafeto. Passou-se-lhe uma rigorosa vistoria, e apesar de muito alquebrado, e de se lhe encontrarem partidos muitos vaus, curvas de convez e de revez, dormentes, entremixas, braços e hasteas, não o condemnaram; e a verdade é que ficou como novo, e que fazia linda vista quando appareceu de verga d'alto.

Não mui distante porém do logar em que jazia a nau, se deu um triste espectaculo por esse tempo. Com baraço e pregão foi conduzido á margem do Mandovi o mestre Domingos Henriques, do galeão S. Lourenço, e enforcado ahi como culpado da perda d'aquelle navio, por não ter as amarras telingadas quando foi o naufragio, o que contribuiu para se não poder salvar a embarcação, e outras culpas que lhe carregaram.

O piloto do mesmo galeão, de nome Diogo Tavares, foi condemnado em dez annos de galles; e outros officiaes soffreram prisões e incomodos. Desgraças sobre desgraças!

Em consequencia do grande naufragio que soffreram no porto de Goa em 1647 os navios que se destinavam para a China, e que todos se afun-

daram sem remedio, determinou agora o vice-rei de enviar o galeão Enxobregas áquellas partes, com o resto da preciosa carga que ainda para ali não havia sido possível transportar.

Achando-se lesta a nau, e tripulada com os mesmos officiaes, e quasi toda a mesma marinhagem que trouxera de Lisboa, abalou de Goa aos nove dias do mez de Setembro d'aquelle anno de 1650, abarrotada de mui importante carregamento para Macau.

Lá ficava na India Ruy da Cunha e sua esposa, que ainda tornaremos a encontrar no decurso d'esta historia; e bem assim os fidalgos, officiaes e soldados, que iam servir na India, bem como os jesuitas e franciscanos que iam para os seus conventos d'aquelle cidade e estado. Seguiu, porém, na nau, o seu capellão, frei Jeronymo, e o missionario que se destinava ao martyrio do Japão.

Embarcaram mais, de passagem para a China no galeão, duas pessoas que tem ainda de figurar n'esta narrativa: eram ellas, D. Martinho, principe de Arracam, que fôra creado e baptisado na India, servindo por alguns annos nas armadas d'aquelle estado, e ultimamente como capitão de Goa; e sua esposa, uma gentil chineza, convertida ao christianismo, que fôra roubada em pequenina a seus paes pelos nossos catholicos navegadores, e trazida a Cochim, onde foi acolhida e mui bem educada por um fidalgo portuguez. Esta formosa menina ia ver se descobria vestigios dos seus parentes, e seu marido acompanhava-a n'esta digressão, para voltarem juntos na mesma nau, e se transportarem a Lisboa, onde D. Martinho vinha requerer por seus serviços.

Deixemos pois a nau amarar-se da costa do Malabar, em quanto tomamos folego para a seguir na rota da China.

Continua.

F. M. BORDALO.

A \* \* \*

Como este amor começou  
 Não no podemos dizer;  
 Eu sei que a paz me tirou  
 Dando-me um novo viver.  
 Tu, sympathica donzella,  
 Que este amor torna mais bella,  
 Também não sabes dizel-o.  
 Tu não sabes mais que amar,  
 E languidamente olhar  
 Quem tão deveras te quer!  
 Sabemos só que foi magico  
 N'essa noite aquelle instante,  
 Em que inquiri, delirante,  
 Em tom de voz tão sumido  
 Que não ouviu mais ninguem.  
 Se por mim tinhas amor!  
 E tu, n'um gesto sómente  
 Mas que fallava eloquente  
 «Sim» disseste.

Como a rosa,  
 Que abre o calix purpurino  
 Ao rocio matutino  
 D'onde espera vida nova,  
 E que em cada gota prova  
 O que mal conhece ainda,  
 Assim tu, p'ra mim pendida,  
 Entre esp'ranças e receios,  
 Beber qu'rias outra vida,  
 E fazias-te mais linda,  
 E tornavas-te mais qu'rida!  
 Ambos pois nos illudiamos!  
 O que nós ambos sentiamos  
 Ha muito que era paixão.  
 Eu perdera o coração,  
 Tu não sabias do teu,  
 E buscavamos distante  
 O que tinhamos tão perto;  
 Tu n'um sonhar incessante;  
 Eu n'um louco devaneio....  
 Ambos nós em desacerto.  
 E se não fosse um acaso  
 Inda estávamos perdidos!  
 Sem inda crer que era amor,  
 Tinhamos uma egual dôr  
 Se um ou outro se apartava.  
 Ambos nós tinhamos zelos  
 Se prestavamos desvelos  
 Indiff'rentes a qualquer;  
 E soffria-se em segredo  
 Sem o motivo saber.  
 Hoje a venda jaz rasgada,  
 Pois que já nos entendemos,  
 Que as nossas almas achámos,  
 E que trocadas as temos,  
 E trocadas ficarão;  
 E na troca mais se uniram,  
 N'uma prisão toda flores,  
 Nossas almas que não chegam  
 Para conter taes amores!  
 D'hoje em diante a vida é sonho!  
 Triste será ou risonho?  
 Deus que o deu que o abençoe!  
 O que sei dizer-te, e juro,  
 É que o meu affecto puro  
 Pode ser-te um infortunio;  
 Mas quebrar, não quebra não!  
 Se nasceu sem eu querer,  
 Sem mesmo n'elle pensar!  
 O que era ha pouco visão,  
 Hade agora, que tem nome,  
 Co'a minha vida acabar.  
 Se t'o digo é porque o sinto,  
 E eterna sinto a verdade  
 D'este indelevel amor.  
 Sinto-o na triste saudade  
 Que a minh'alma immerge em dôr,  
 Quando distante me vejo  
 De quem sempre qu'ria ver!  
 Sinto-o na louca alegria  
 Quando te vejo appar'cer!  
 Sinto-o até na inspiração  
 Que povôa a solidão

Em que hoje estou por meu mal!  
 Como este amor floreceu  
 Ai! não no posso explicar!  
 Só sei que esp'ranças do ceo  
 Não hade o mundo esfolhar.  
 Sei, ai! sei que és meu enlevo,  
 E que basta um teu olhar  
 Para matar a saudade  
 Que minh'alma immerge em dôr!  
 Sei que vivo por te amar...  
 Sei que vives d'este amor!

MENDES LEAL (ANTONIO).

### DELHI.

Julgamos de interesse para nossos leitores offerecer-lhes uma idéa resumida d'esta cidade no Indostão, que hoje está sendo o theatro de tanto sangue derramado, na contenda entre a Grã-Bretanha, e a India sublevada, e onde as atrocidades commettidas por as castas barbaras e sanguinarias indianas, excedem os horrores perpetrados pelos povos os mais selvagens!

Delhi é a capital da provincia do Indostão, que tem o mesmo nome da capital. Confina pelo N. O. com Lahore; pelo N. com as montanhas de Himalch que a separam do Thibet; pelo E. com Kemaon e Oude; pelo S. com Agra; e pelo O. com Algimere e Moulton. A sua long. é de 17 9 E., e a sua lat. 28 43 N.

Por muitos annos foi considerada a mais bonita e a mais rica cidade de toda a India. Chamava-se antigamente Inderput, e em mahometano Shahjehanabed. Esta cidade é de singular nomeada historica pelas vicissitudes e desgraças porque tem passado, e actualmente tornou-se o sanguinolento theatro da guerra da India, achando-se sitiada por forças inglezas comparativamente diminutas, na presença de cincoenta mil sublevados que se conservam na cidade. Na epoca da sua prosperidade a cidade tinha dez milhas em circunferencia; hoje porém parte d'ella está em ruinas de antiga e moderna data.

No anno de 1193 foi tomada pelos mahometanos commandados por Cuttubadeen Khan que ahi fixou a sua residencia, e succedendo no throno da India, nomeou Delhi a capital do seu reino. Em 1398 foi tomada, saqueada, e reduzida a cinzas por Tamerlão. Foi em seguida reedificada, e recobrou depois parte da sua antiga grandeza, quando o imperador Akbar transferiu a séde da realza para Agra. Porém em 1631 o imperador Shah Iehan começou a reedificar a nova cidade, que tencionava fosse um monumento duradoiro da magnificencia e riqueza de um monarcha do Oriente. Ajudado Iehan pelos mais habéis architectos da epoca, que eram frances de grande talento, projectou o plano da nova cidade que devia assumir o seu augusto nome. Os trabalhos e muros da cidade foram construidos com tão incrível rapidez que os historiadores coevos attribuiram as obras ao po-

der magico do rei, e começou desde logo entre os indios fanaticos a affluir grande numero de moradores que ali vieram estabelecer-se, e outros procurar fortuna.

Delhi continuou a crescer em valor e poder até á celebre invasão de Nadir Shah em 1739, que depois de ter atravessado o coração da India, veiu acampar junto aos seus muros. Mohamed Shah, o rei da India, tinha reunido um numeroso exercito para se oppor aos invasores. O seu acampamento, que occupava um espaço de dez milhas em circunferencia, era defendido por baterias por todos os lados, e tinha cinco mil peças de artilheria. No centro d'este entrencheramento gigantesco, se achava collocada a barraca imperial, coberta de bandeiras, flammulas, e peixes de madeira doirados, emblema favorito da realza india. Elephantes, camellos, cavallos, enchiam o acampamento onde avultavam os arnezes e trens de guerra. A magnificencia do acampamento não impediu os progressos de Nadir, que em 20 de Março do anno mencionado, fez a sua entrada triumphante na cidade, passando em seguimento a apossar-se do palacio, que era então reputado o mais rico, e o mais sumptuoso do mundo:

Pouco depois de se haver Nadir Shah estabelecido na cidade de Delhi, arrebentou uma insurreição entre os habitantes, tendo Nadir entregue ao saque das suas tropas a cidade, e mandado matar perto de vinte mil pessoas, sendo tal a carnagem que os historiadores d'essa epoca a comparam ao dia do juizo final.

No dia 5 de Maio de 1740 Nadir carregado com os despojos de um imperio, partiu da capital do Indostão levando consigo, segundo os annaes de então, o valor de 125 milhões sterlingos, além de mil elefantes, sete mil cavallos, e dez mil camellos. Em 1760 Delhi foi novamente saqueada por Ahmed-Abdallah, e subsequentemente tornou-se a residencia do Grã-Mogol, que até 1803, epoca em que Delhi ficou de facto sob o dominio inglez, ali conservou um phantasma de autoridade em nome.

A moderna cidade de Delhi contém ainda muitos palacios sumptuosos, e bonitas mesquitas em optimo estado, entre as quaes sobresae a chamada Iumnah Musjeed, que fôra construida por Shah Iehan.

A parte mais habitada da moderna Delhi tem duas ruas espaçosas, das quaes a principal se chama Chandy Choke, e é talvez a mais larga que se encontra em cidade alguma do Oriente. A cidade tem sete milhas de circumferencia, e é cercada por altos muros com seteiras, e defendida na actualidade pelos regimentos indios que se rebellaram. Delhi conta diversas casas bonitas de moderna construcção, as quaes foram todas edificadas durante o dominio inglez; tem boas mesquitas com os seus minaretes. A mesquita principal é a que se chama Iumah, e que passa por ser a maior que existe na India. As ruas da cidade, salvo as duas que deixamos men-

cionadas, são em geral estreitas e mal alinhadas. Nos bairros mais pobres encontram-se habitações, que mais parecem cabanas de aldeia, do que casas pertencentes a uma cidade importante: são de bamboo forradas de esteiras, offerecendo, como se pode suppor, mesquinha apparencia. A maior extensão da cidade é de quatro milhas sobre tres de largo, e a sua população orçava em 1850, data do ultimo censo, por cento e quarenta mil almas, a maior parte indios e mahometanos. Antes da batalha de 5 de Julho d'este anno, em que os inglezes lhe pozeram cerco, contava apenas noventa familias christãs, hoje porém nem isso, porque á excepção de algum europeu que pôde refugiar-se no castello de Delhi, os mais ou foram assassinados pelos indios, ou conseguiram escapar.

Desde que a cidade ficara debaixo da protecção ingleza tinha melhorado muito, e ia progressivamente prosperando, com particularidade na parte administrativa e judicial, que tinha chegado ao maior estado de decadencia nos ultimos annos. Hoje, segundo consta, impera ali a anarchia, no meio do ruido das armas, e na presença de um cerco, que apesar de ser por ora fraco, pelo pequeno numero dos inglezes sitiadores, hade estreitar-se logo que estes recebam os reforços que todos os dias lhes vão chegando, e de que a maior parte, segundo as ultimas noticias, está em caminho. A guerra da India parecia até aqui não ter chefe ostensivo, e proceder de uma revolta militar fomentada pelo fanatismo religioso; no entanto acaba de se conhecer que ella não foi produzida por um movimento espontaneo, e que tem um chefe, o qual é o rajah de Bisour, chamado Nina Saib, homem cruel e feroz, que por vingança jurou odio eterno aos inglezes. Este rajah é filho adoptivo de Peishaw Rajee Raow: vivia de uma pensão que por compensação o governo inglez concedera ao dito Peishaw, e com a qual se sustentava o filho adoptivo. Tendo morrido Peishaw, Nina Saib mandou um agente seu a Inglaterra, reclamar do governo inglez a continuação da pensão, a qual lhe foi recusada. Desde logo tratou Nina Saib de mandar prender os legitimos herdeiros de Peishaw Rajee, apossou-se dos seus bens, e começou a fomentar a rebelião entre as tropas nacionaes ao serviço da companhia, espalhando pelos seus agentes os mais absurdos boatos contra os inglezes para fanatisar os povos. Entre estes absurdos avulta o de terem mandado untar com banha de porco os cartuxos, para por este modo perderem aquellas boas almas, quando fossem morder os cartuxos que tinham sido untados com a gordura do animal immundo, severamente prohibido pela lei de Mafoma, que tão fanaticamente professam. O pretexto, por isso que era grande absurdo, foi acreditado por aquelles barbaros, e serviu para os fins do rebellado Nadir, que tornou Delhi a base principal das suas operações militares, fazendo marchar para ali a maior parte dos revoltosos, com todos os recur-

sos que tem podido juntar, e que vae procurando reunir. Pela falta numerica de tropas inglezas em quem a companhia das Indias possa confiar, vão-se por ora limitando, como deixamos dito, á defensiva, e aguardando os reforços que lhe vão diariamente chegando, e que habilitarão os inglezes a suffocar a rebelião, por quanto não pode, a nosso ver, ser duvidoso o resultado, vendo a superioridade militar que elles teem sobre os indios, que em detalhe teem quasi sempre sido batidos até por forças dez vezes inferiores ás suas. N'esta contenda em que só os indios arregimentados teem tomado parte; com as rivalidades e odios de castas que existem entre si; continuando fieis as tropas das duas presidencias de Bombaim e Madrasta, e passivos os povos, o resultado final hade ser a favor da Inglaterra, que merece triumphar porque representa a causa da civilisação contra a da mais brutal ferocidade!

\*\*\*

## OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Continuação.

Por toda a parte a sorte dos judeus era quasi a mesma. Só por excepção apparecia um estado em que fossem tratados melhor que em França.

O nosso historiador philosopho A. Herculano, no tomo 2.º pag. 321 da sua *Historia de Portugal*, diz-nos que cerca de 1228 « na diocese de Lisboa davam-se com preferencia os cargos publicos aos judeus, em opprobrio do christianismo e com escandalo de muita gente. » — Mas nem em toda a parte desfructavam de igual favor. No reinado de Luiz IX (San-Luiz) no anno 1229, marcavam-n'os com grande execração. Uma assemblea dos bispos da provincia, reunida em Narbonna, ordenava que elles trouxessem sobre seus vestidos a figura de uma roda de meio-pé de circunferencia.

No anno seguinte, 1230, o mesmo rei Luiz IX publicou uma severa ordem contra os judeus, ora banidos, ora chamados ao reino, e sempre sanguessugas do estado. A França e os paizes vizinhos estavam então cheios dos restos d'esta nação, e todos gemiam sob o peso de suas usuras. O que n'isto havia de mais horrivel era tirarem os senhores tambem sua parte d'este ganho infame, pela protecção que lhes prestavam; protecção que aquelles infelizes compravam muitas vezes bem caro, e sempre com condições igualmente contrarias á sua fortuna e á sua liberdade.

Vê-se com effeito por um grande numero de actos, que todo o judeu estabelecido no reino « étoit serf ou main mortable, et justiciable des corps et de chastel des Seigneurs, dont il étoit couchant et levant »: isto é, que sua pessoa, seus bens e seus moveis pertenciam aos barões dos logares em que habitavam. A lei defendia-lhes mudarem de domicilio sem permissão do

amo que podia il-os agarrar como escravos fugitivos até nos domínios do rei. Parece mesmo que este povo infeliz era olhado como objecto commercial. Vendiam-n'os com a terra, ou mesmo separadamente, por mais ou por menos, segundo o numero, os talentos, e a industria. Mathews Paris conta que o rei d'Inglaterra, Henrique III, vendeu por alguns annos os judeus ao conde Ricardo seu irmão «afim de que este principe arrancasse as entranhas d'aquelles que o monarcha não tinha feito mais do que esfolar.» Imaginava-se apenas o proveito que d'elles vinha aos senhores. Logo que o thesouro estava exausto ameaçavam expellir-os. No mesmo instante levavam elles sommas immensas para encher os cofres: a isto chamavam *beneficio de restituição*, beneficio tão consideravel, que Carlos II, rei da Sicilia, para indemnisação de os haver banido do condado d'Anjou e Maine, estabeleceu um fogal (tributo) de tres soldos em cada fogo, e de seis dinheiros em cada um de seus subditos christãos, que ganhasse a vida por seu mister. Um factó, mais singular ainda, e que o judeu convertido *cala em prevaricação*. Então o senhor ou o rei lhe confiscava todos os bens, e o deixava n'uma miseria absoluta. Disseréis que os christãos irritados, porque o judeu deixava de ser impio, procuravam indemnisar-se das taxas que não poderiam mais impor-lhe, tirando-lhe por uma vez tudo quanto possuia! Maxima barbara, sem duvida, e muito perniciosa em taes circumstancias, mas que subsistiu em França até ao reinado de Carlos IV, que a fez annullar e proscrever. Tanto é verdade que o uso, o exemplo dos outros, e d'antigas promessas, fazem desaparecer a nosso respeito o ridiculo por mais palpavel, e por mais excessivo que elle seja.

Nota-se comtudo, que esta nação proscripta, ainda que pertencesse aos barões, sem duvida pela permissão do monarcha, era o rei especialmente que tinha todo o poder sobre ella. «É a mim, fazem dizer a San-Luiz, que pertence velar sobre os judeus, para os impedir d'oprimir os christãos por suas usuras, e de abusar da minha protecção para assolar o reino»

Os judeus tinham juizes e tribunaes particulares, um sello que lhe era proprio, possessões em terras e em casas, cemiterio fora dos muros das cidades, e synagogas onde comtudo não podiam rezar senão em voz baixa e sem o menor canto, sob pena de 300 libras *Parisis* de multa, Obrigaram-n'os ainda a trazer em cima de si algum signal que podesse fazel-os reconhecer: nas mulheres era um veo que lhes cobria todo o rosto, e nos homens um solideo de feltro ou de panno de côr amarella, ou melhor «une grande ruelle (*roue*) bien notable, de la largeur de quatre doigts et de la hauteur d'une palme, d'autre couleur que la robe, pourtrait de fil ou de soye grossement, et telle qu'on pût l'appercevoir au vestement de dessus, soit mantel ou autre habit, en tel lieu qu'ils ne

la pussent musser.» Se algum judeu apparecia em publico sem esta marca, devia ser condemnado em 10 libras *Tournois* de multa, e seu vestido confiscado em proveito do que o denunciasse. Prohibiam aos christãos todo o commercio com este povo reprobó; não era permittido ter judeu na qualidade de mordomo ou criado, nem ter alguma coisa d'elles, ou pela herança, arrendamento, ou emphyteuse; nem servir-se d'elles como medicos ou cirurgiões, nem tomar seus filhos para os amamentar e nutrir. Quando os judeus compareciam como testemunhas contra um christão, *obligavam-n'os a jurar pelos dez nomes de Deus* com mil imprecações contra si mesmos se não dissessem a verdade. «Que o Senhor Deus, lhes diziam, vos mande febre contínua, terçã ou quartã, se perjurardes; que elle vos destrua em sua colera, e á vossa familia; e a vossos bens: que vossos inimigos se apoderem de vossos haveres, e violem vossas mulheres: que a espada da morte, o temor e as inquietações vos persigam por toda a parte: que a terra vos engula como Datan e Aviron: que todos os peccados de vossos parentes e todas as maldades contidas na lei de Moyses recaiam sobre vossas cabeças.» «*Assim seja*», respondiam por tres vezes estes tristes objectos da execração publica.

Um christão convencido de commercio criminoso com uma filha ou mulher d'esta nação, era queimado vivo. O motivo que dá um autor, digno discipulo d'aquelles seculos de ignorancia, parecerá sem duvida singular, para não dizer ridiculo. *Manchar-se com uma judia* (diz elle) *é um crime equal áquelle que se commette com as bestas.*

Tão humilhantes servilismos não impediam estes infelizes de irem em chusma estabelecer-se na França, da qual insensivelmente invadiam todo o commercio. Dizem que sob Filippe Augusto eram possuidores de quasi metade de Paris. Já vimos que este grande principe não achou contra isso outro remedio senão declarar seus devedores quites, a excepção d'um quinto, que foi confiscado em proveito do monarcha, expulsando estas sanguessugas tão funestas ao estado, depois de as ter despojado de todos os bens de raiz.

Obrigado porém a chamal-os dezeseis annos depois, suppoz poder prevenir tudo com regulamentos preconizados então por tão sabios como severos: fracas barreiras contra a avareza d'um povo insaciavel, e cuja inefficacia o seu successor Luiz VIII reconheceu logo, vendo-se obrigado a ordenar «que nenhum interesse corresse para os judeus; que toda a divida que não exigissem depois de cinco annos ficaria extincta; e que as outras seriam pagas nas mãos de seus senhores, em nove termos, de quatro mezes cada um.»

Finalmente o já citado Luiz IX em uma assemblea de barões em Melun «fez prohibir universalmente aos judeus toda a sorte de emprestimo; deu tres annos de termo a seus devedo-

res; e declarou nullas as obrigações que estes usurarios não tivessem feito ver no anno a seus senhores.»

Ao mesmo tempo o famoso monarcha procrevia toda a usura, e os grandes, combinados, juravam dar-lhe soccorro contra os infractores de tal lei.

Os editos que em 1253 haviam banido os judeus de França, foram confirmados em 1295. Mais numerosos então do que quando tinham saído do Egypto, despojaram-n'os de quanto possuíam, e expulsaram-n'os de novo sem lhes deixarem mais que os vestidos. Muitos procuraram salvar-se na Inglaterra e na Alemanha, mas ahi foram tratados com igual deshumanidade.

Sempre objectos da animadversão do publico, que arruinavam, não só como usurarios, mas tambem como rendeiros dos impostos, os judeus estavam incessantemente expostos a todas as sortes d'insultos. Nas cruzadas, nas sedições, alguma vez mesmo no socego da mais profunda paz, viam-se atacados, perseguidos, despojados, degolados emfim. Não cessavam de os accusar, ou de haverem ultrajado a hostia santa, ou de terem crucificado creanças em sexta-feira santa, ou de haverem profanado a imagem de Nosso Senhor. Se escapavam á severidade da justiça, não se salvavam da populaça. Os mesmos principes, depois de haverem feito d'elles instrumentos de suas vexações, os expelliam muitas vezes, para lhes fazer comprar seu novo chamento a peso d'ouro.

Filippe iv não fez esperar muito uma ordem, em virtude da qual os judeus foram presos por toda a França n'um mesmo dia, banidos do reino, com prohibição de ahi tornarem, sob pena de morte, e todos os seus bens confiscados. Alguns se fizeram baptisar, e ficaram; muitos d'entre os outros morreram no caminho, de fadiga, de pesar ou de miseria: não lhes haviam permitido levar senão o dinheiro que lhes fosse preciso para os conduzir fora dos limites do imperio francez. Duvida-se se foi o zelo ou a cubiça que dictou este rigoroso edito!

Continua.

## ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

OS REIS DA PRIMEIRA RAÇA.

Continuação.

689—713. Thieri não foi bastante feliz ou habil para aproveitar esta circumstancia. Os descontentes, cujo numero augmentava de dia para dia, reuniam-se em tropel aos austrasianos. O monarcha, querendo, porém muito tarde, suspender esta retirada sediciosa, declarou guerra ao duque de Austrasia; mas foi vencido, e esta victoria submetteu toda a França a Pepino, que a engrandeceu. Thieri morreu, e Pepino continuou a reinar em nome de Clovis iii filho d'es-

te principe; depois em nome de *Childeberto* iii, emfim, de *Dagoberto* iii. No primeiro d'estes tres principes é que começa o reinado dos reis chamados *Preguiçosos*, isto é, que nada fizeram memoravel, porque, enfraquecendo-se sob a autoridade do *mair* do palacio, apenas tinham de reis o nome, e não se atreviam por si mesmos a executar qualquer coisa.

714 Pepino submetteu os inimigos do reino, cujos limites alargou, terminando a sua gloriosa carreira depois de uma administração de vinte e sete annos. Proximo á morte nomeou *Theodebaldo*, seu neto, ainda creança, *mair* do palacio, sob a tutela da sua viuva. Esta disposição desagradou: houve sublevação. Carlos Martel, filho natural de Pepino, que a regente tinha mandado prender, fugiu da prisão, e buscou asylo entre os austrasianos, que o receberam com transporte e o puzeram á sua frente.

717. Entretanto *Dagoberto* iii morreu; e, ainda que deixasse um filho chamado *Thieri*, deram-lhe por successor *Daniel*, filho de *Chilperico* ii. O novo monarcha, que tomou o nome de *Chilperico* ii, e que é preciso não confundir com os reis preguiçosos, quiz resistir a Carlos Martel. Foi duas vezes batido, em seguida entregou ao vencedor, que o tratou com respeito, e se satisfez com os titulos e autoridade que seu pae gosara.

721—732. Carlos, chegado então ao auge da grandeza, empregou o seu poder a bem dos povos e da gloria da nação. No reinado de *Thieri* iv, filho de *Dagoberto* iii, e successor de *Chilperico*, desbaratou mais de trezentos mil sarracenos que, depois de terem subjugado a Hespanha, tinham vindo, sob o commando d'*Abderame*, seu chefe, tentar a submissão da França á lei de Mahomet.

737. Tendo morrido *Thieri*, Carlos Martel continuou a governar, com o titulo de duque ou principe dos francezes, sem se dar ao trabalho de nomear outro rej. Elle conservou esta autoridade até á sua morte, succedida em 741. Antes de expirar, dividiu, com o consentimento dos nobres, o imperio francez pelos seus dois filhos *Carloman* e *Pepino o Pequeno*.

742-748. *Carloman* não governou senão quatro annos. Depois de ter alcançado brilhantes victorias, e creado alguns estabelecimentos uteis, renunciou ao poder supremo, para tomar o habitó religioso em Monte Cassino, deixando a seu irmão todo o reino.

Pepino tinha outras vistas. Só lhe faltava a corôa: ambicionava-a; mas não ousava apossar-se d'ella. Era tal a fidelidade dos francezes para com o sangue de seus reis, que estavam desgostosos havia muito tempo por não terem monarcha. Pepino, para contental-os, deu-lhes um, tão proprio como os seus predecessores para ser o phantasma da soberana autoridade: era o filho de *Chilperico* ii, e chamou-se *Chilperico* iii.

Continua.

Os louvores immerecidos são ironias insultantes.